



## WEBQUEST: INTERLIGANDO A PESQUISA ORIENTADA E A INTELIGÊNCIA COLETIVA

### EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

Maria de Fátima da Silva

[Escola Est.de Educ. Bas. Pedro Joaquim de Jesus (EPJJ)]

[fal\_nunes@yahoo.com.br]

Glevson Silva Pinto

[Universidade Federal de Alagoas (UFAL)]

[glewyson@gmail.com]

Elvis Gomes Souza

[Escola Est. José Quintela Cavalcanti (EQC)]

[elvis\_souzaal@hotmail.com]

Ricardo Alexandre Afonso

[Universidade Federal de Alagoas (UFAL)]

[afonso055@gmail.com]

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo discutir as potencialidades da pesquisa colaborativa orientada via metodologia Webquest, bem como suas implicações no processo global de desenvolvimento da Inteligência Coletiva. A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, visando à compreensão de metodologias que contribuam para a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no processo da aprendizagem colaborativa, modalidade pesquisa estudo de caso prospectivo e exploratório, fundamentando-se em referências teóricas de diversos autores, entre eles, Vani M. Kenski, Bernie Dodge e Pierre Lévy. Como resultado, compreendeu-se a importância de propor aos educandos pesquisas em que possam atuar de forma colaborativa, para que eles possam lidar de forma satisfatória com o excesso de informação que constitui o ciberespaço.

**Palavras-chave:** Ciberespaço. Webquest. Inteligência coletiva.



## 1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as contribuições da metodologia Webquest durante o processo de pesquisa colaborativa orientada, tendo como objetivo discutir suas potencialidades, bem como sua relação com o desenvolvimento da inteligência coletiva. O mesmo se justifica diante da dificuldade de diversos alunos em transformar o excesso de informações disponíveis no mundo do virtual em conhecimento.

A metodologia utilizada na pesquisa visa compreender a forma que os educandos utilizam a internet no processo de construção do conhecimento; neste sentido, realizaram-se entrevistas e aplicação de questionários, no período de março a abril de 2015, junto aos alunos de uma turma do 2º ano do Ensino Médio pertencentes a uma escola pública da rede estadual, localizada na cidade de Teotônio Vilela, denominada, a partir de agora escola X.

Desenvolveram-se ainda pesquisas de natureza qualitativa, estudo de caso prospectivo e exploratório, visando compreender o papel da educação na era digital, refletindo sobre a metodologia Webquest proposta por Dodge, bem como sua contribuição à aprendizagem colaborativa e ao desenvolvimento da Inteligência Coletiva. Essas reflexões se pautaram, entre outras, nas pesquisas de Pierre Lévy, que defende a inteligência coletiva como a “reunião em sinergia dos saberes, das imaginações, das energias espirituais [...] de um grupo humano constituído como comunidade virtual” (1999, p. 130). Fundamentaram-se ainda nos estudos de Vani M. Kenski, que ao analisar a sociedade da informação, destaca que “o amplo acesso e o amplo uso das novas tecnologias condicionam a reorganização dos currículos, dos modos de gestão e das metodologias utilizadas na prática educacional” (KENSKI, 2008: 92).

O artigo Webquest: interligando a pesquisa orientada e a inteligência coletiva foi estruturado em três seções, tratando a primeira delas sobre O Ciberespaço e Suas Potencialidades Educacionais. Nesta parte, abordaram-se as contribuições das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para o desenvolvimento de um sistema colaborativo, onde os educandos pudessem compartilhar seus saberes, dividir responsabilidades e formar equipes de trabalhos em função dos problemas a serem solucionados. A segunda parte se refere à Webquest e a Pesquisa Colaborativa, apresentando as potencialidades desta metodologia. A



terceira seção trata dos Primeiros Passos Rumo a Inteligência Coletiva, enfatizando que o ciberespaço possibilita a integração de diversas inteligências em prol da coletividade. Neste sentido, enfatiza que diante do turbilhão de informações que permeiam o cotidiano, faz-se necessário a construção coletiva do Espaço do Saber, possibilitando, assim, o desenvolvimento da inteligência coletiva.

## 2 - O CIBERESPAÇO E SUAS POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS

Segundo Pierre Lévy (1995), a expansão da informática e a divulgação de diversos saberes por meio da internet representam a possibilidade de desenvolvimento de um sistema colaborativo, que integre distintos indivíduos, separados no espaço e no tempo, mas unidos pelo mesmo objetivo: produção e compartilhamento de conhecimento. Para este filósofo, o Ciberespaço permite a democratização do conhecimento, pois todos sabem alguma coisa e podem compartilhar seu conhecimento globalmente através da rede mundial de computadores.

Assim, podemos afirmar que o mundo virtual traz em si diversas potencialidades, entre elas "a possibilidade de haver uma maior comunhão dos conhecimentos elaborados, [que] alcançou um nível jamais imaginado até então pelas estruturas epistemológicas das eras precedentes" (BITTENCOURT, 2012:20). Nesta nova era, a construção do saber se torna uma experiência multilateral, de modo que qualquer indivíduo conectado pode compartilhar suas dúvidas e difundir suas hipóteses, ideias, pesquisas. A partir do processo comunicativo global desenvolvemos a inteligência coletiva, onde, ao trocar experiências, ampliamos nosso universo de saberes e nos humanizamos quanto ao respeito às diferenças.

Neste contexto, uma das funções educacionais é contribuir para que cada sujeito consiga não apenas acessar informações, mas selecionar e analisar dados, elaborar questionamentos e hipóteses, bem como compartilhar seus saberes no ciberespaço. Neste sentido, Kenski (2008, p. 74) afirma que as atuais possibilidades comunicativas favorecem a criação de "equipes interdisciplinares de professores e alunos, orientadas para a elaboração de projetos que visem à superação de desafios ao conhecimento", que partam de problemas reais e que permitam aos educandos uma melhor compreensão do universo de informações onde se encontram inseridos.



Conforme Kenski, o ciberespaço permite ao professor deixar a função de detentor exclusivo do saber, compartilhando a responsabilidade pela construção do conhecimento com os educandos, formando equipes de trabalho, onde cada membro assume papéis específicos, de modo que “o respeito mútuo, a colaboração e o ‘espírito interno da equipe’ orientam para a aprendizagem de novos comportamentos e atitudes, tanto do professor como dos alunos” (KENSKI, 2008, p. 93).

[...] na comunidade colaborativa ‘cada um é um centro’, ou seja, não existe um chefe, professor ou detentor permanente do saber, mas uma circularidade de informações e trocas visando ao alcance de objetivos que podem ser de todo o grupo ou apenas um número restrito de pessoas ou até mesmo de única pessoa. As contribuições que circulam nessas comunidades expressam o somatório das individualidades, percepções e racionalidades e contribuem para a constituição rizomática dos saberes, em permanente transformação. (KENSKI, 2008, p. 113)

Quando se refere à aprendizagem colaborativa, Palloff e Pratt (2002, p. 147) afirmam que para que a mesma faça sentido para os envolvidos, é preciso “que eles se conectem em função de problemas, interesses e experiências a compartilhar”. Partindo deste princípio, as atividades colaborativas desenvolvidas nos espaços presenciais e virtuais devem favorecer a consolidação da identidade social do grupo, que compartilham não apenas conceitos, mas, sobretudo experiências de vida.

Ao repensar o uso das TICs dentro do âmbito educacional, deve-se considerar seu potencial no que tange o desenvolvimento da criatividade, da interação e do senso crítico dos educandos, constituindo a cibercultura e pautando-se em um estágio permanente de aprendizagem. Segundo Lévy, a inteligência coletiva representa a “reunião em sinergia dos saberes, das imaginações, das energias espirituais [...] de um grupo humano constituído como comunidade virtual” (1999, p. 130).

[...] Participando, colaborando, reconhecendo e sendo reconhecida por seus pares, a pessoa que atua intensamente na comunidade virtual sente seu poder, desenvolve suas potencialidades comunicacionais, libera seus talentos. [...] Aprende a conviver em grupo, a colaborar e respeitar as pessoas, a falar e a ouvir (ainda que ambos ocorram em intercâmbios



escritos), a superar conflitos, a expor opiniões, a trabalhar com pessoas que não conhece presencialmente, mas com as quais se identifica no plano dos interesses e idéias (sic). (KENSKI, 2008, p. 115)

Em síntese, as potencialidades do ciberespaço residem na infinidade de informações disponíveis, de modo que as comunidades virtuais dispõem de um banco de dados que podem ser acessados e alimentados por diversas comunidades, que atuando de forma colaborativa compartilham seus saberes através de textos escritos, imagens, áudios, vídeos, construindo, de fato, hipertextos.

### 3 - WEBQUEST E A PESQUISA COLABORATIVA

No ciberespaço, a Webquest representa uma metodologia caracterizada pela pesquisa colaborativa orientada pelo professor-mediador, que em uma página virtual define detalhadamente o que se espera dos educandos, negociando com os mesmos, a função de cada membro a ser exercida durante o processo de pesquisa. Ao criar uma Webquest, o professor pode apresentar temáticas relacionadas à sua disciplina a partir de questões significativas para os alunos, propondo tarefas motivadoras, definindo os processos e as fontes para coleta de informações, estimulando sempre o espírito crítico e a interação entre os alunos.

Diante do excesso de informação que permeia nosso cotidiano, essa metodologia pode proporcionar o desenvolvimento do potencial investigativo do educando, quando leva em consideração alguns questionamentos:

Qual é o objetivo da pesquisa e o nível de profundidade desejado? Quais são as “fontes confiáveis” para obter as informações? Como apresentar as informações pesquisadas e indicar as fontes nas referências bibliográficas? Como avaliar se a pesquisa foi feita realmente ou apenas copiada? (MORAN, 2007, p. 104).

Neste sentido, é importante destacar que a escola X participante da pesquisa não dispõe de laboratório de informática, os educandos realizam pesquisa na internet através dos celulares, sendo que dos 40 alunos participantes da pesquisa, 38 alunos afirmaram possuir celular, 31 acessam diariamente as redes sociais, sendo identificados 2 indivíduos com características típicas de um viciado em redes sociais. Por outro lado, apenas 8 acessam a



internet via computador/notebook existentes em sua residência, conforme detalhado na tabela abaixo:

Tabela 1: Dados gerais sobre o acesso a internet pelos educandos do 2º ano A da Escola X, 2015.

SITUAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
Possuem computador/notebook pessoais conectados a internet.	8	20%
Possuem celular	38	95%
Possuem celular com acesso a internet	31	77,5%
Acessam as redes sociais diariamente	31	77,5%
Usam a internet mais de 6 horas por dia	2	5%
Não conseguem desconectar das redes sociais e cumprir os compromissos	2	5%

Fonte: o autor

Realizou-se ainda uma entrevista para que os educandos se posicionassem sobre a importância da internet para a realização de pesquisas escolares. Todos os alunos afirmaram que a internet facilita o processo de pesquisa, pois a mesma oferece um acervo amplo e variado de informações. Na sequência, foram formados 10 grupos com 4 alunos, sugerindo-se o acesso a um link contendo o artigo a ser analisado. Os alunos deveriam acessar o texto através da internet do celular e deixar um comentário no site onde o artigo foi publicado.

A princípio, os participantes não se opuseram a realizar a atividade e acessaram o site com facilidade, entretanto, era perceptível a agitação do grupo diante de um texto de aproximadamente 2 páginas, considerado longo se comparado com as imagens e frases curtas comumente compartilhados em redes sociais. Ao postar o comentário, 7 grupos manifestaram dificuldades de compreensão textual, de forma que no espaço destinado ao comentário, limitaram-se a transcrever uma frase do texto analisado. Apenas 3 grupos utilizaram a internet para pesquisar o significado de palavras e conceitos, cujo desconhecimento dificultaria a compreensão do texto. Além disso, esses grupos se diferenciaram por trocar ideais entre eles e anotar os pontos considerados relevantes e as questões não compreendidas.

Assim, é preciso considerar que os alunos “vivem no mundo virtual”, sendo as redes sociais e jogos on-line seus principais atrativos. Mas até que ponto esses jovens estão



preparados para utilizar a tecnologia como fonte de pesquisa? A quem compete à função de prepará-los para utilizar a tecnologia para algo além do prazer imediato? Será que a educação centrada no quadro branco e no livro didático atende as perspectivas da sociedade contemporânea?

Segundo Sancho (2006, p. 18), “a maioria das pessoas que vivem no mundo tecnologicamente desenvolvido tem um acesso sem precedentes à informação; isso não significa que disponha de habilidade e do saber necessário para convertê-los em conhecimento.” Partindo desta afirmativa, faz-se necessário refletir sobre o modelo educacional vigente, sobre a forma que este vem contribuindo [ou não] para que os educandos se sobressaiam nesse “turbilhão” caracterizado pela informação e comunicação instantânea. Neste sentido, Santos e Barin (2014), defendem que a metodologia Webquest:

[...] permite ao professor uma organização de conteúdos, geralmente extraídos da internet, evitando que haja dispersão por parte dos alunos aos diversos sítios disponíveis na rede, permitindo e auxiliando a construção do conhecimento por meio de um ambiente de aprendizagem guiado, utilizando a Web de forma educativa e reflexiva, instigando os alunos na construção do próprio saber. Além disso, esta é uma ferramenta de ensino inovadora e se apresenta cada vez mais útil, ao alcance de qualquer professor como meio de promover o interesse pelas temáticas de estudo em uma aprendizagem mais significativa.

Neste sentido, os alunos participaram de outra ação, onde através Webquest, buscou-se identificar de que forma esta metodologia pode facilitar [ou não] o processo de pesquisa colaborativa orientada via internet. No decorrer da atividade, observou-se que a Webquest assume função motivadora por colocar a disposição dos educandos uma variedade de informações, apresentadas de forma distintas, através de imagens, vídeos, sons, textos que ganham vida através da ilustração e do movimento.

Por outro lado, a dificuldade de compreensão textual não desaparece automaticamente com o simples uso da Webquest, mas ela pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico e da inteligência coletiva. A competência para questionar e atuar de forma colaborativa não é inata, exige a superação do modelo hierarquizado que ainda prevalece nos sistemas de ensino, que ditam os objetivos educacionais sem levar em consideração os interesses e as necessidades de seus participantes. O rompimento desta estrutura exige metodologias diferenciadas, que:



[...] (a) permitam ao grupo de alunos formular um objetivo comum para o seu processo de aprendizagem, (b) estimulem os alunos a fazer uso de – como recurso para sua motivação – problemas, interesses e experiências pessoais, (c) assumam o diálogo como meio fundamental de investigação”. (ELLEN; DIRCKINCK-HOLMFELD, 1995, p. 1, apud PALLOFF; PRATT, 2002, p. 141)

Partindo da citação anterior, percebe-se a importância de repensar a postura do professor, de modo a ampliar paulatinamente a participação educando. Entretanto, essa não é uma tarefa fácil, pois o próprio educando está condicionado a anos de passividade e sente-se deslocado quando lhe é solicitado uma postura ativa. Frente a esta realidade, é ilusão esperar resultado imediato em todas as turmas. Em algumas, em breve discussão se define um objetivo comum, em outras é o professor que - a partir do conhecimento que possui da comunidade escolar e local - propõe o objetivo.

O mesmo ocorre com as definições da temática, à medida que os alunos se tornam mais experientes, terão melhores condições de negociar entre si e com o professor sobre os problemas a serem investigados. Todavia, tanto no estágio inicial quanto no experiente, o desenvolvimento de pesquisada colaborativa está diretamente relacionado à capacidade de diálogo entre os membros do grupo.

Na concepção de Santos e Barin (2014), por estimular a participação ativa do educando, essa metodologia representa a possibilidade de construção colaborativa do aprendizado, ao tempo que favorece o desenvolvimento profissional do professor, uma vez que ele é estimulado não a transmitir informações, mas a coordenar o processo de ensino-aprendizagem, o que requer “a integração das TIC às técnicas tradicionais de ensino e o domínio do tema para que se possa orientar a atividade de maneira didática, executando de forma crítica e reflexiva a sua prática pedagógica” (SANTOS; BARIN, 2014).

Bembem (2013, p.142) citando Lévy (2003) defende que “a base e o objetivo da inteligência coletiva, [...] é o reconhecimento e o enriquecimento mútuo daqueles que se envolvem nessa proposta”. Neste contexto, a Webquest apresenta um potencial fecundo, mas para isso é preciso elaborar uma estrutura que o educando se sinta seguro ao ingressar. Segundo Bernie Dodge, são elas:





1. **INTRODUÇÃO:** expõe-se um pequeno texto que apresenta a temática e os objetivos de uma pesquisa colaborativa. A participação do educando pode ser motivada quando se propõe um problema a ser solucionado, um desafio em forma de enigma ou parte-se da narração de uma história;
2. **TAREFA:** descreve-se para o aluno o resultado esperado ou o produto a ser elaborado, bem como os meios que serão utilizados para se chegar aos objetivos propostos;
3. **PROCESSO:** apresenta-se detalhadamente cada tarefa, de modo que o educando sinta-se seguro para realizá-la;
4. **FONTES DE INFORMAÇÃO:** indicam-se fontes virtuais e físicas para a seleção de dados e informações, de forma a fundamentar a pesquisa, alertando para os riscos do plágio;
5. **AValiação:** definem-se os critérios de avaliação da participação individual e da equipe de trabalho;
6. **CONCLUSÃO:** apresenta-se um breve resumo da aprendizagem desenvolvida, avaliando se os objetivos propostos foram atingidos, ao tempo que é possível indicar novos estudos para solucionar questões que não foram respondidas pela pesquisa;
7. **CRÉDITOS:** citam-se as referências bibliográficas utilizadas, ao tempo que se enfatiza a importância das mesmas durante o desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Barros (2005, p. 5), a metodologia Webquest possibilita o desenvolvimento da aprendizagem através da pesquisa colaborativa, tendo como fonte de informação a internet e outros mecanismos. Neste sentido, a autora destaca a importância de que a introdução seja apresentada de forma atraente:

O uso de imagens, e se possível de personagens, figuras gifs, avatares, caricaturas, etc., que representem os envolvidos (professor e aluno) na aventura proposta pela WebQuest, é atraente para os alunos. A criação de um cenário, história, enredo, desafio é importantíssimo neste momento, pois a partir da introdução é que os alunos percebem-se participantes da pesquisa. (BARROS, 2005, p. 5)

Quanto à proposição de problemas a serem solucionados, é preciso avaliar a profundidade do mesmo, pois “Quando os alunos entusiasmam-se com perguntas inteligentes, é mais fácil que façam o mesmo tipo de pergunta. Isso serve para impulsionar a aprendizagem de todos para um nível muito mais elevado” (PALLOFF; PRATT, 2002, p. 150). Assim, a



postura ativa do educando perpassa também pela capacidade de elaborar boas perguntas, mas cabe ao professor ser o referencial para isso.

Dependendo do nível do desafio proposto, o professor em parceria com os alunos necessitam definir detalhadamente a função de cada participante durante a realização de cada tarefa. Neste sentido, Palloff e Pratt (2002, p. 152) propõem papéis específicos a serem assumidos em comunidades de aprendizagem, os quais podem ser adaptados à metodologia Webquest:

- Facilitador da discussão;
- Observador do processo, comentando a dinâmica do grupo;
- Comentarista do conteúdo, resumindo o que foi aprendido pelo grupo durante a semana anterior;
- Líder da equipe, com ou sem responsabilidade adicional de avaliar o trabalho dos outros participantes;
- Apresentador de determinado tópico, livro ou área de interesse.

Outra habilidade a ser estimulada durante o processo de desenvolvimento da pesquisa colaborativa orientada via Webquest é “A capacidade de fazer comentários significativos, os quais ajudam o colega a pensar sobre seu trabalho [...]” (PALLOFF; PRATT, 2002, p. 154). Todavia, essa competência não é inata, cabendo ao docente ser o exemplo e estimular o educando a fazer o mesmo.

Kenski também defende a importância de proporcionar ao educandos a oportunidade de desenvolver seu potencial comunicativo, apresentando comentários pertinentes sobre as produções de seus colegas e sobre as obras consultadas durante a pesquisa. Para ela, “[...] o professor nem sempre precisa ‘dizer’, ‘falar’, mas precisa estimular para que todos os alunos falem, expressem-se, soltem sua voz. Criar um ambiente de envolvimento e acolhimento” (KENSKI, 2008, p. 149).

Ao desenvolver a pesquisa colaborativa, as considerações dos alunos participantes podem ser expostas em um blog da equipe ou da turma, sendo necessário que o mesmo disponha de espaço reservado para comentários. As TICs permitem que a “fala” dos participantes se desenvolva de forma diversificada, envolvendo não apenas registros escritos tradicionais, mas a postagem de imagens, documentários, músicas, entre outros recursos.



Os avanços tecnológicos reorientam a leitura na escola para outros textos e imagens. O ato de ler se transforma historicamente. [...] A escola precisa investir na formação de leitores por diversos caminhos e linguagens. Precisa também ampliar suas concepções de linguagem, de leitura e de escrita para incorporar as mediações textuais feitas por meio do uso das tecnologias digitais. (KENSKI, 2008, p. 62)

Para Kenski (2008, p. 139), o professor assume a função de referencial, coordenando ações que possibilitam a aquisição individual do saber, porém dentro de um ambiente cooperativo. Neste sentido, o professor precisa zelar para que o processo de comunicativa entre os membros da equipe ocorra de forma eficiente, pois, “Quando o fluxo comunicacional é bem conduzido, os alunos identificam-se com seu grupo. Esse pertencimento e esse acolhimento refletem na participação e na auto-estima (sic) de cada um” (KENSKI, 2008, p. 150).

Em suas pesquisas, Lévy (2003) citado por Bembem (2013, p. 142), não faz referência exclusiva ao saber científico, mas ao saber relativo à vida, ao saber viver, ao viver saber. Para ele, o saber é referendado como a base das relações humanas, que deve valorizar os sujeitos e suas habilidades.

Para Lévy (2003), a inteligência coletiva é aquela que se distribui entre todos os indivíduos, que não está restrita para poucos privilegiados. O saber está na humanidade e todos os indivíduos podem oferecer conhecimento; não há ninguém que seja nulo nesse contexto. Por essa razão, o autor afirma que a inteligência coletiva deve ser incessantemente valorizada. Deve-se procurar encontrar o contexto em que o saber do indivíduo pode ser considerado valioso e importante para o desenvolvimento de um determinado grupo. (BEMBEM, 2013, p.142)

No entanto, o desenvolvimento da inteligência coletiva necessita da consolidação do Espaço do Saber, o qual não é construído apenas pelo uso aleatório das tecnologias. Segundo Bembem (2013, p.143), tal desenvolvimento exige mudanças em diversas esferas, entre elas a "política, social e, principalmente, no plano educacional", de modo que esses recursos comumente utilizados com fins alienantes possam assumir o papel humanizador que lhe cabe.



#### 4 - PRIMEIROS PASSOS RUMO A INTELIGÊNCIA COLETIVA

Segundo Lévy (2003, p. 28), através do ciberespaço, as diversas inteligências, desenvolvidas em diversos espaços e tempos, podem ser coordenadas em tempo real, resultando em desenvolvimento de competências em prol da coletividade. Por meio dos ambientes colaborativos, rompe-se com o tradicional padrão comunicativo um para um (telefone), um para muitos (TV, rádio), ao tempo que se consolida a estrutura todos para todos (internet).

Em um ambiente voltado para a consolidação da Inteligência Coletiva, a construção da aprendizagem perpassa pelo despertar do senso crítico e pelo poder da argumentação, bem como pelo desenvolvimento de “outros tipos de ‘racionalidades’: a imaginação criadora, a sensibilidade tátil, visual e auditiva, entre outras. O respeito às diferenças e o sentido de responsabilidade são outros aspectos que o professor deve trabalhar com seus alunos” (KENSKI, 2008, p. 89).

Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimento. [...]. Se as pessoas aprendem com suas atividades sociais e profissionais, se a escola e a universidade perdem progressivamente o monopólio da criação e transmissão do conhecimento, os sistemas públicos de educação podem ao menos tomar para si a nova missão de orientar os percursos individuais no saber e de contribuir para o reconhecimento dos conjuntos de saberes pertencentes às pessoas, aí incluído os saberes não acadêmicos. (LEVY, 1999, p. 158)

No entanto, para que a metodologia Webquest contribua para o desenvolvimento da Inteligência Coletiva é determinante que os problemas a serem investigados sejam significativos para os participantes, uma vez que o olhar do cidadão da era digital deve estar sempre voltado para a realidade, para os problemas sociais que lhe rodeiam. Assim, através do Espaço do Saber - construído coletivamente – os participantes poderão buscar alternativas que propiciem à superação das dificuldades vivenciadas, de modo que a inteligência coletiva contribua para a conquista da dignidade humana, pois a inteligência coletiva é uma proposta global, que "está totalmente associada a questionamentos nos planos sociais, político e econômico [...]" (BEMBEM, 2013, p.149).



## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões sobre a complexidade vivenciada no ciberespaço para selecionar e analisar informações, apropriando-se das mesmas e transformando-as em conhecimento, levamos a defender a metodologia Webquest, tendo em vista suas potencialidades para o desenvolvimento da pesquisa colaborativa orientada via internet, conforme proposto por Bernie Dodge.

A defesa da metodologia Webquest perpassou ainda pelo estudo de caso de uma turma do 2ª ano do ensino médio, bem como pela pesquisa bibliográfica, fundamentando as análises a partir do estudo de Kenski, que apresenta como determinante repensar o papel do professor na sociedade da informação, de modo que assuma o papel de coordenador de grupo de trabalho, motivando a interação, a fala e a autonomia do educando, favorecendo, assim, o desenvolvimento da inteligência coletiva, a “reunião em sinergia dos saberes, das imaginações, das energias espirituais [...] de um grupo humano constituído como comunidade virtual” (Lévy, 1999, p. 130).

Neste sentido, este artigo contribui apresentando a Webquest como elemento motivacional e estruturante de pesquisas colaborativas orientadas via Web, favorecendo aos educandos participantes dessa metodologia a possibilidade de forma autônoma e crítica, auxiliando-se mutuamente no processo de construção do conhecimento, compartilhando seus saberes e favorecendo, assim, o desenvolvimento da inteligência coletiva.



## REFERÊNCIAS

BARROS, G. C. Webquest: metodologia que ultrapassa os limites do ciberespaço. Disponível em: < <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/buscaGeral.html?q=webquest> >

BEMBEM, A. H. C. Inteligência coletiva: um olhar sobre a produção de Pierre Lévy. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.4, p.139-151, out./dez. 2013. pp. 139 - 151.

BITTENCOURT, R. N. Virtualização dos Saberes. **Portal Ciência e Vida: Filosofia**. Ano VI, n. 68, pp. 17 - 23, março de 2012.

BITTENCOURT, R. N. A Nova Fronteira da Incomunicação. **Portal Ciência e Vida: Filosofia**. Ano VIII, n. 98, p. 55 - 62, setembro de 2014.

CUPANI, A. Filosofia da Tecnologia. Disponível em <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/63/artigo239056-3.asp>> Acesso em: 12 dez. 2014.

DODGE, B. (2005). In: MASCARENHAS (2005). **Educação sem internet? Só no monastério**. Disponível em< <http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-sem-internet-so-no-monasterio> > Acesso em: 07 mar. 2015.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LÉVY, P. **A Máquina Universo: criação, cognição e cultura informática**. Trad. de Maria Manuela Guimarães. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1999.

MENTA, E. **Ferramentas de comunicação em escolas públicas**. Paraná: EscolaBr, 2005. Disponível em: <[https://www.acesa.com/informatica/arquivo/tecnologias/2005/08/12-podcast/ferramentas\\_de\\_comunicacao.pdf](https://www.acesa.com/informatica/arquivo/tecnologias/2005/08/12-podcast/ferramentas_de_comunicacao.pdf) > Acesso em: 07 mar. 2015.

MORAN, J. **Integrar as tecnologias de forma inovadora**. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao\\_inovadora/utilizar.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_inovadora/utilizar.pdf) > Acesso em: 09 mar. 2015.

PALLOFF, R. M.; PRATT, K. **Construindo Comunidades de Aprendizagem no Ciberespaço**. Trad. Vinícius Figueira. – Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, T. R. dos; BARIN, C. S. Problematização da metodologia webquest na prática educativa: potencialidades e desafios. **Revista Tecnologias na Educação** – Ano 6 - número 11 – Dezembro 2014. Disponível em <<http://tecnologiasnaeducacao.pro.br/wp-content/uploads/2014/12/Problematiza%C3%A7%C3%A3o-da-metodologia-webquest-na-pr%C3%A1tica-educativa-potencialidades-e-desafios.pdf> > Acesso em: 08 mar. 2015.